

UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES FRENTE ÀS GRANDES NARRATIVAS CLARICEANAS (*PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM*, *A MAÇÃ NO ESCURO* E *A PAIXÃO SEGUNDO G. H.*).

Patrícia Aparecida Antonio, Antônio Donizeti Pires. – Letras – Letras – Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara.

O presente trabalho tem como objetivo tratar da relação de oposição que pode ser estabelecida entre *Uma aprendizagem ou O livro dos Prazeres* e os três principais romances de Clarice Lispector, contemplando principalmente o movimento empreendido por essas três narrativas e o destoante itinerário de Lóri.

Podem-se observar, no conjunto da obra de Clarice Lispector, certos traços que acabam por se tornar recorrentes na escritura da autora: a tentativa de investigação do Ser, valendo-se do viés existencial, sem deixar de lado, contudo, a perspectiva mística recondicionante (em termos de Benedito Nunes); a relação entre linguagem (e silêncio) e o projeto existencial de suas personagens, dando voz a um movimento circular (da palavra ao silêncio e do silêncio à palavra); um estilo particular e notadamente inovador, em que se utiliza de técnicas como o fluxo da consciência, a quebra da linearidade temporal e a mistura das categorias tempo-espço. Às personagens de Clarice cabe, quase sempre, cumprir um itinerário, como que uma errância (uma busca ética ou espiritual). Pode-se dizer ainda que essas consciências encontram-se inevitavelmente em constante questionamento existencial, sinalizado por inquietação, deslocamento e introspecção, ou seja, em constante acuidade reflexiva, da qual se desprende sempre o questionamento acerca do sentido da vida.

É o que se dá com os protagonistas de *Perto do coração selvagem*, *A maçã no escuro* e *A paixão segundo G. H.* À Joana, protagonista do romance de estréia de Clarice, cujo sentimento de inadequação e dúvida enraízam-se já na infância, resta, ao final de sua jornada, contada, à semelhança de sua existência, por uma narrativa inacabada, uma viagem sem destino, que liga o fio da infância ao da morte inescapável. Por outro lado, e não diametralmente opostos ao empreendimento de Joana, estão os itinerários de Martim e G. H., que realizam, tanto temática, quanto narrativamente, um perfeito movimento circular. O engenheiro, ao fim de sua jornada místico-alegórica, após transgredir o sistema, retorna a ele, na dubitatividade entre o conformismo da conversão a que se prestara e a espiritualidade da sanção (de caráter punitivo) a que é submetido. Paira, ainda, em *A maçã no escuro*, a questão da linguagem – o se e o dizer como duas instâncias que completam e perfazem uma a outra. Mais claros ainda são os índices que atestam o movimento circular de *A paixão segundo G. H.* Partindo de seu momento epifânico frente à barata (Natural), a escultora inicia um processo de desapossamento do eu, de despersonalização, e ruptura com o mundo que a rodeia (Social). Após ter conhecido e participado, entre outras experiências, do neutro, ao comungar com a massa branca da barata, a personagem, por meio de um acesso de Náusea, vê-se novamente lançada ao meio que transgredira. Além disso, asseverando o viés temático, a narrativa inicia-se e termina com seis travessões, e os capítulos são enfeixados com a repetição da última frase do capítulo anterior no capítulo seguinte, caracterizando as partes como conjunto.

Entretanto, em *Uma aprendizagem ou o Livro dos prazeres*, esse movimento circular apresentado nos romances anteriores já citados, esfacela-se e dá lugar a um movimento contínuo. Ora, o itinerário de Lóri e Ulisses caminha, pode-se dizer, resolve-se. A narrativa, quase que em sua totalidade, calcada em variações do discurso indireto, inicia-se como que apanhada em flagrante: com um sinal de vírgula, e parte, à maneira de fluxo da consciência. O que se percebe, pela pontuação e pelo entrecho, é que as incursões abismais dessa personagem (marcadas pelo uso do fluxo da consciência), dão-se em alternância, que caminha concomitantemente à sua aprendizagem a que se poderia chamar de amorosa. Ao final do romance, esse movimento pendular, influenciado pelo grau de cognição de Lóri com relação à sua existência, bem como pela didática pedante e prestativa de Ulisses, acaba por rarear-se. A linha circular traçada nos romances contemplados torna-se contínua, já que ao final é estabelecido, por meio da fundamentação dada pela realização amorosa, o retorno ao mundo cotidiano, obedecida a restituição do sentido da existência. Além disso, várias passagens de *Uma aprendizagem ou O livro dos Prazeres* são, na verdade, excertos publicados, embora com algumas alterações, em jornais e posteriormente em outras obras – o momento epifânico de maior força da narrativa é um trecho que fora anteriormente publicado num jornal; e essa espécie de colagem, pode-se

dizer, agregada a experimentalismos lingüísticos que empreende Clarice (tais como um deflacionamento narrativo, usando a expressão barthesiana), são elementos que indicam e marcam o início do redirecionamento de sua prosa. Em outras palavras, uma curva, se bem que ainda tênue, em seu projeto estético: uma verdadeira despotencialização em sua escrita do ponto de vista do nível retórico, dando ao mau gosto função literária, e tratando da esfera da literatura, já que, utilizando-se desse tipo de expediente, questiona valores artísticos que concernem à narrativa. Vale lembrar, ainda, que nesse romance o diálogo aparece, não com função distorciva, mas como restabelecedor do elo intersubjetivo que se pretende fundamentar entre duas consciências (Lóri e Ulisses) que se reconhecem – daí a alternância, durante a narrativa, entre unidades dialogais e monologais, o que é mais uma inovação em se tratando dos romances de Clarice Lispector.

Assim, conclui-se, pode-se entrever, numa relação entre três dos primeiros grandes romances de Clarice e o romance a que se chamaria de transição que é *Uma aprendizagem ou O livro dos Prazeres*, certos pontos de contato, tais como o sentimento de Náusea e Angústia de que são estruturadas suas personagens; a similitude de algumas de suas principais características; o uso de certas técnicas narrativas, como o fluxo da consciência e a manipulação da categoria do tempo. Em termos de distanciamento, *Uma aprendizagem* contrapõe, ao movimento de circularidade, o de continuidade; e desempenha uma oposição à obra *A paixão segundo G.H.*, estabelecendo uma busca contrária à da escultora, que caminha rumo à desumanização.

Referências Bibliográficas:

CANDIDO, A. No raiar de Clarice Lispector. In:_____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1970. p. 123-131.

LIMA, L. C. A mística ao revés de Clarice Lispector. In:_____. Por que literatura. Petrópolis: Vozes, 1969. p. 98-124.

LISPECTOR, C. **Uma aprendizagem ou O Livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **A maçã no escuro**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1961.

_____. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1994.

_____. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NUNES, B. **O drama da linguagem**: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.

_____. O mundo imaginário de Clarice Lispector. In:_____. **O dorso do tigre**. São Paulo: Perspectiva, 1969. p. 92-139.

PIRES, A. D. **Uma Barata Cheia de Espinhos** (Leitura Intertextual de *A metamorfose*, de Franz Kafka, e *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector). Araraquara, 1996. 201 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP).

RONCADOR, S. **Poéticas do empobrecimento**: a escrita derradeira de Clarice. São Paulo: Annablume, 2002.

SÁ, O. de. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **A travessia do oposto**. São Paulo: Annablume, 1993.